



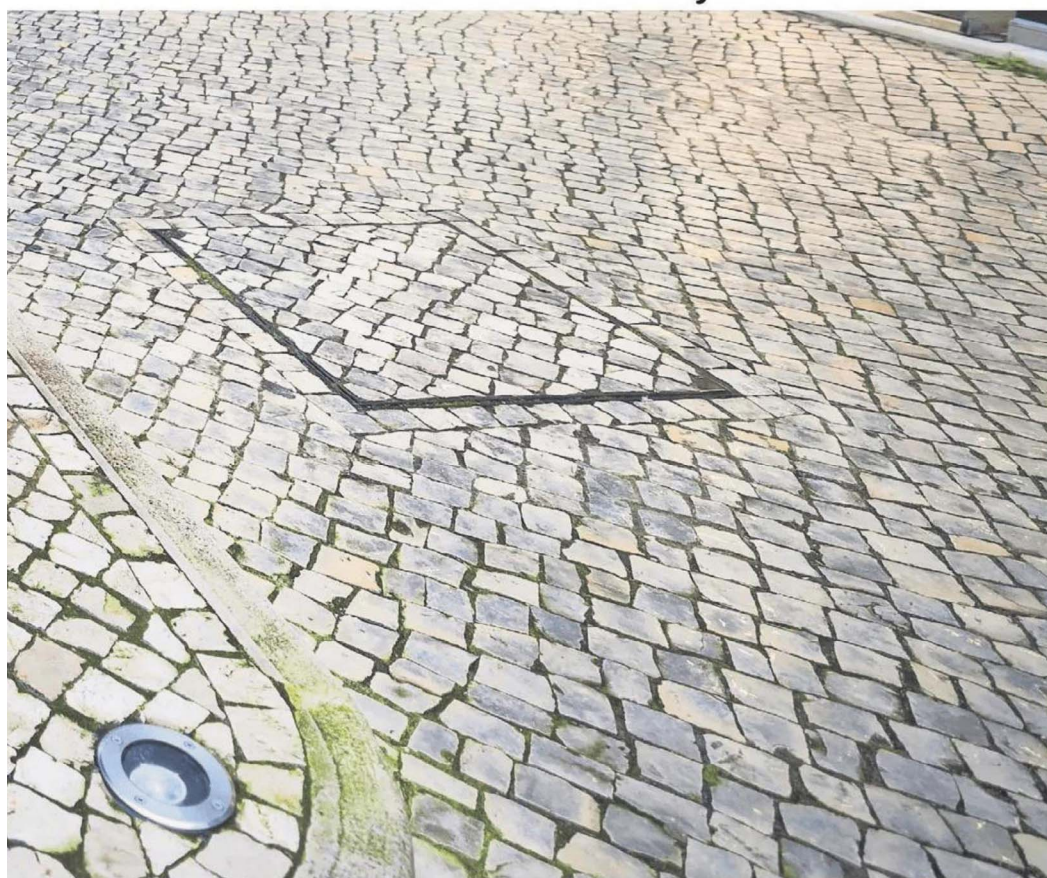
ID: 121579556

15-02-2026





“E QUE DEUS LHE DÊ FORÇA PARA SEGURAR O BARCO”



António José Seguro foi eleito presidente da República, à segunda volta, com o melhor resultado de sempre em eleições presidenciais. Não mudará de morada e Margarida, sua mulher, manterá a vida como empresária farmacêutica. Dizem que é bom vizinho, muito simpático. Os amigos falam em pessoa genuína, homem beirão com orgulho nas suas raízes simples e humildes. E agora? O país contará com uma Presidência mais institucional, mais sóbria e menos palavrosa? Presidente dos consensos, presidente dos afetos, ou ambos? Falta pouco para o país saber. A 9 de março, é a tomada de posse.

TEXTO *Sara Dias Oliveira*

FOTOGRAFIAS *Pedro Correia*

ID: 121579556

15-02-2026

Celeste Tavares está à varanda a ver o que se passa na rua, o vizinho Seguro está prestes a sair de casa e os jornalistas aguardam o momento com máquinas, câmaras, microfones, telemóveis, blocos de notas, tudo a postos. O aparato é grande, o habitual nestas ocasiões, alguns automóveis passam e apitam. É noite eleitoral, segunda e última volta das presidenciais, as projeções saíram há pouco, indicam que Seguro ganhará. Passam 10 minutos das oito da noite, as luzes da entrada do prédio onde vive e viverá o próximo presidente da República, nas Caldas da Rainha, acendem e apagam, apagam e acendem, e a chuva miudinha não pára de cair.

Celeste, pequena em tamanho e idade de respeito, tem as persianas para cima, a luz acesa no exterior entre duas janelas. Mora na entrada ao lado de Seguro, é a única vizinha do prédio à varanda nesta noite, do outro lado da rua há mais gente, cinco pessoas com cabeças de fora das janelas. Às 20.35 horas, o presidente eleito sai de casa com a mulher Margarida, a filha, Maria, e o filho, António. “Ninguém avança”, ouve-se como indicação para a cobertura mediática vinda de alguém do corpo de segurança. Seguro vem feliz. A família também. “O povo português é o melhor do Mundo”, reage o presidente eleito.

A distância é curta de sua casa ao Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha (CCC), é só virar à esquerda, depois sempre a direito, sempre do mesmo lado. As perguntas dos jornalistas sucedem-se, Seguro lembra que está a chover, que os jornalistas não se devem constipar. Ninguém larga o percurso. Celeste entra em casa e assiste à festa pela televisão. No dia seguinte, segunda-feira, está à porta de casa, vai levar o lixo de guarda-chuva, continua a chover. “Adorei o discurso, disse palavras muito acertadas, ele compreende a gente”, diz. A essa hora, o presidente eleito na véspera estará em casa ao telefone com autarcas dos concelhos fustigados pelo mau tempo. À tarde, tem hora marcada, às 16 horas, no Palácio de Belém para ser recebido por Marcelo Rebelo de Sousa num encontro que duraria três horas e meia e sem qualquer declaração à saída.

Na campanha, Seguro fez saber que continuará a morar nas Caldas, pernoitará em Lisboa quando se justificar, será o primeiro presidente da República a viver e a pernoitar fora da Grande Lisboa. “Ainda bem, é um bom vizinho, muito simpático, só tenho bem a dizer dele, a senhora dele é muito boa pessoa, e ele vai ser um bom presidente.” Pelo sim, pelo não, Celeste pede ajuda divina. “Que Deus o ajude a pôr o país muito melhor, que Deus lhe dê força para segurar o barco.”

No dia das eleições, Sandra Ribeiro, Sandra “loirinha” como é conhecida, viu o casal Seguro passar por ali, depois de votar na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro às 10.50 horas. Ali na Praça da República, conhecida por praça da fruta, a funcionar todos os dias de manhã cedo até ao início da tarde. “Vêm aqui às compras, vejo-a mais a ela do que a ele.” Não se recorda de alguma vez terem parado na sua banca de frutas e legumes plantados, semeados e colhidos por si. Na noite eleitoral, foi deitando o olho à televisão, ficou satisfeita com o re-



sultado. Às seis da manhã de segunda-feira estava na praça da fruta, são 15 minutos de carro desde Tornada, onde mora, sem trânsito àquela hora. “Isto dá trabalho, arranjar tudo, escolher, levar. Todos os dias, na praça, não é fácil, não é para qualquer um.”

Sandra “loirinha” está destroçada, o seu campo em Salir do Porto está alagado, um cenário que lhe rasga o coração. “Fiquei sem nada, perdi tudo, está tudo debaixo de água, as abóboras não sei delas, vou tentar uma ajuda”, desabafa. É o seu ganha-pão. E mostra um vídeo que filmou dias antes com o telemóvel, tudo inundado, não se vê legume algum, o marido de galochas a apontar num bidão azul até onde o nível da água tinha subido, mais de meio metro possivelmente. Continua a chover, o negócio não corre bem, o mau tempo destrói tudo. Na banca coberta com uma lona, Sandra tem tudo arrumado: batatas, cebolas, pimentos, tomates, alho-francês, laranjas, curgetes, cogumelos, tudo o que conseguiu salvar da terra.

Seguro abre o seu discurso de vitória precisamente por aí, pelas tempestades que agoniam o país, as primeiras palavras são para as vidas perdidas pelas catástrofes, condolências às famílias, solidariedade para quem perdeu a casa e o emprego, bem como para as empresas em difi-

culdades que não conseguem trabalhar e pagar salários. “Não vos abandonarei e não vos esquecerei”, promete. “A resposta à dor não é o grito, é o trabalho, e há muito trabalho a fazer”, acrescenta. Há uma frase de valentia na sua intervenção que soa a futuro e que não parece encaixada ao acaso: “O medo paralisa, é a esperança que constrói”.

Nesse dia, não muito longe dali, em Leiria, Marinha Grande, Santarém, ou mais longe em Alcácer do Sal, o cenário é medonho e triste: casas alagadas, casas sem teto, empresas sem telhados, árvores tombadas pelo vento, ribeiros que parecem rios, rios que parecem mar, milhares ainda sem eletricidade, sem água, sem rede. Nos últimos dias, nas duas últimas semanas, as páginas de jornais e os ecrãs de televisão, sempre em cima do acontecimento, mostram um país do avesso, em sofrimento.

Seguro garante visitar as zonas afetadas pelas tempestades para confirmar que os apoios não se perdem pelo caminho: “Os 2,5 mil milhões de euros prometidos para a reconstrução têm de chegar ao terreno agora.” A go-ra. E outro aviso, o presidente da República não aceitará burocracias que dificultem que as populações atingidas pelas tempestades não recebam o que está anunciado e detalhado – apoios até 10 mil euros

Celeste Tavares é vizinha do presidente da República, mora no mesmo prédio, uma entrada a seguir. Acompanhou o aparato jornalístico da varanda de casa, assistiu à celebração na televisão. Aprecia o casal e a decisão de não se mudar para Lisboa

ID: 121579556

15-02-2026



Sandra Ribeiro, "loirinha" como é tratada, vende fruta e legumes na Praça da República, a dois passos do prédio de António José Seguro. Está destroçada, perdeu tudo nas tempestades, o seu campo está alagado, vai pedir ajuda para salvar o que lhe resta do seu ganha-pão

pagos em três dias úteis contados a partir da receção da candidatura feita online, no site criado para o efeito.

No dia seguinte à eleição, mais uma morte, um trabalhador morre eletrocutado enquanto reparava a rede elétrica na zona industrial de Cova das Canas, em Leiria, a 16.ª vítima mortal. Seguro envia as condolências à família, enquanto trabalha a partir da sua residência nas Caldas, mantendo o contacto ao telefone com os presidentes de câmara de Alcácer do Sal, Montemor-o-Velho, Pombal, Golegã, Leiria, Arruda dos Vinhos, segundo fez saber publicamente.

O pior até parece ter passado, mas a situação não melhora, mais de 1500 ocorrências numa só noite por causa do mau tempo, quase 40 mil sem luz. Há gente que se queixa de não ser ouvida, de não ser ajudada, de falta de informações, das respostas que tardam. Há gente a sofrer, que chora, que não contém as lágrimas e a revolta.

Em Coimbra, anuncia-se a retirada de cerca de três mil pessoas de suas casas porque os diques do Mondego podem colapsar. Um viria mesmo a colapsar. Evacuam-se sete zonas da cidade e três lares de idosos. O Douro continua a subir, arribas mexem-se em Almada, concelhos inteiros em estado de calamidade. Há imagens a circular de aluimentos de terras, estradas rasgadas

como se o alcatrão fosse um papel, campos esventrados, casas destruídas como se o betão fosse uma pena que voa. E, na terça-feira à noite, a ministra da Administração Interna, Maria Lúcia Amaral, pede a demissão por não reunir condições pessoais e políticas, com a indicação de que o primeiro-ministro assegurará a pasta, bastante pesada nesta altura, até à nomeação.

O VALOR DO TRABALHO E DA PALAVRA DADA

Passa pouco das sete da tarde, Maria do Rosário, 76 anos, chega ao CCC das Caldas com uma amiga. "Estava a ver isto aqui na televisão." Tal como na primeira volta, veio ver in loco a festa que se avizinha. A 18 de janeiro, esteve ali das sete da tarde à meia-noite. Mora perto, três quilómetros para cada lado. "Vai ser o nosso presidente, é um homem muito simples, muito simpático. A esposa é de uma família muito antiga das Caldas, são muito conhecidos aqui." É do tempo de escola da tia Alice da agora primeira-dama, lembra-se dos choros dela quando a PIDE batia à porta de casa da família avessa ao regime de Salazar. Maria do Rosário ainda tem na mão a bandeira de Portugal enrolada para abrir quando Seguro chegar. "É humilde, é um homem bom, vai ser um bom presidente."

Ali perto está Maria Margarida Rego, veio com um grupo de amigos, é das Caldas, está confiante com o resultado eleitoral. "É uma pessoa ponderada, é culto, é inteligente." O casal merece-lhe elogios. "São ótimos, são excelentes pessoas, é mesmo verdade", garantem-nos olhos nos olhos. A decisão de ficarem nas Caldas é bem recebida. "Acho que fazem muito bem em ficarem cá, é uma decisão que dá prestígio à cidade."

A sala começa a ficar composta a partir das sete da tarde. Armindo Jacinto, amigo de Seguro, ex-presidente da Câmara de Idanha-a-Nova, tem três horas de viagem de carro, fez o mesmo caminho na primeira volta, não poderia ser de outra forma. Idanha, faz questão de lembrar, deu a terceira melhor percentagem a Seguro a 18 de janeiro. Está satisfeito, presente uma grande noite para o amigo de longa data, dos tempos de escola, dos bailes em Penamacor. Foram juntos ao último Boom Festival, no ano passado, depois de lhe ter ligado em jeito de convite-desafio já como candidato presidencial. Causou surpresa entre alguns "boomers" que questionavam quem era aquele homem com fotografos atrás.

"É uma pessoa muito simples, muito humilde, que se dá muito bem com todos, vai ser um grande presidente da República." Armindo Jacinto conhece-o bem. Há dois anos, convidou-o para uma palestra com jovens universitários na Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova. O que seria uma hora de conversa, prolongou-se para três, auditório cheio, sem ninguém sair da sala, Seguro lembrou o conhecido provérbio: "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança". "O seu discurso motiva, tem a característica de saber ouvir, preocupa-se com as questões, conhece os nossos problemas, porque ele é autêntico, é como ele é." O ex-auctorita acredita que Seguro vai "puxar por aquilo que o país tem de bom e de excelência." Entretanto, a ex-ministra Ana Mendes Godinho, com a pasta do Trabalho, Solidariedade e Segu-

"ACHO QUE FAZEM MUITO BEM EM FICAREM CÁ, É UMA DECISÃO QUE DÁ PRESTÍGIO À CIDADE"

Maria Margarida Rego
Eleitora de Seguro

ID: 121579556

15-02-2026

rança Social no tempo de António Costa, entra e dá um abraço ao ex-presidente de Idanha. E as televisões acompanham o momento.

Armindo Jacinto veio acompanhado, carro cheio, entre eles, o amigo e companheiro de estrada e de política José Claro, e ainda o seu filho António Moreira, 21 anos, estudante de Direito em Lisboa, deputado municipal em Idanha, que destaca várias virtudes do beirão, do empresário agrícola com sensibilidade e capacidade para puxar pelo setor agrícola e das pescas com “um potencial imenso que nos permite criar riqueza”. Não duvida que assim será, tal olhar com cuidado e atenção, como deve ser, para um país assimétrico em termos económicos e sociais. “Poderá ser uma força para que essa realidade se mitigue”, observa. “Não deixa de ser um de nós, é um beirão, é um filho da terra.” Um amigo que produz vinho e azeite, que gere um alojamento local na vila onde nasceu, em Penamacor. No discurso, Seguro não esquece de onde veio, as suas raízes. “Falo-vos com o coração cheio de gratidão, de emoção. Lembro-me de onde vim, de uma família simples, que aprendeu o valor do trabalho, da honestidade, e da palavra dada.” António Moreira prevê dias intensos. “Não vai deixar a cama quente.”

Doze minutos depois de sair de casa, Seguro sobe a escadaria do CCC, à sua chegada levantam-se bandeiras e cachecóis, em uníssono ouvem-se “vitória” e “Portugal”. Nesse momento, o primeiro-ministro discursa em direito, a partir do Porto, saúda os portugueses pelo cumprimento da democracia, admite toda a disponibilidade para trabalhar em conjunto em prol do futuro e dos interesses do país num “espírito de convergência”. Luís Montenegro usa as palavras cooperação e colaboração. Seguro, pouco depois, em cima do palco, deixa bem claro que não será por si que o país entrará em instabilidade política, que espera que a atual legislação vá até ao fim. “Jamais serei um contrapoder”, assegurou. “A minha liberdade é a garantia da minha independência.”

Pouco depois das 22 horas chega José Luís Carneiro, secretário-geral do PS, para as felicitações, para aquele abraço. Seguro está na sala reservada à sua equipa, a atender chamadas de felicitações, a acompanhar os resultados, deixa-se fotografar pelos fotógrafos em serviço por breves minutos, antes do discurso final.

O auditório do CCC está praticamente cheio, a espera é entrecortada por uma voz-off, projetada, colocada. “Família”, ouve-se e continua “nada nos tira o que conquistamos hoje”, Seguro “está sereno e está feliz” e a rematar que “a esperança voltou a Portugal”. Às 22.24 horas, a mesma voz masculina com a confirmação “o presidente mais votado de sempre da história da democracia”, grita-se vitória, antes disso, a mesma voz soletra uma matrícula e pede que a viatura mude de sítio sob pena de ser rebocada.

Às 22.55 horas, Seguro entra finalmente no auditório com a família emocionada, minutos antes, no ecrã gigante com a noite eleitoral presidencial transmitida em direto da RTP, exibiu-se um filme com imagens do país, cidades, vilas, aldeias, ilhas, o mar, o campo, vários lugares, e a frase “Por amor a Portugal” a fechar. Atravessa o corredor entre as cadeiras da plateia, há abraços, há beijos, há muitas bandeiras no ar. Caminha em direção ao palco para dis-

curar, no momento de usar as palavras não há ninguém atrás de si, apenas a bandeira de Portugal projetada em pano de fundo, em movimento, como que a esvoaçar. “Os vencedores desta noite são os portugueses e a democracia.” E há uma frase que repete, que marcou a sua campanha: “Sou presidente de todos, todos, todos os portugueses”.

José Palmeira, professor de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade do Minho, vê, na campanha e no discurso, o vislumbre do perfil de um presidente da República preocupado com os problemas da população, agora com a máxima atenção para os impactos das tempestades, mas também com as questões da saúde, da habitação, exigente com o Governo. “Há a preocupação de ser o porta-voz das pessoas.” Há, no entanto, algo a que não pode fugir. “Há um padrão que não pode esquecer: o primeiro mandato é um mandato cauteloso para criar um clima de unidade. Os primeiros cinco anos serão de campanha eleitoral para os cinco anos seguintes.”

LIBERDADE, INDEPENDÊNCIA E O LEGADO DE MARCELO

Na manhã seguinte, é um dia normal numa das farmácias de Margarida Maldonado Freitas, no rés do chão de um prédio laranja, cinco balcões à direita, dois homens e duas mulheres ao serviço, agora habituados à curiosidade de quem vem de fora, esperando que a rotina volte à normalidade. A montra para a rua está coberta com cartazes de uma marca de produtos para deixar de fumar e de comprimidos para a inflamação e congestão nesta altura de gripes e constipações. Há gente que entra para aviar receitas, o habitual.

Margarida Maldonado Freitas, 52 anos, é farmacêutica, gere três farmácias, cerca de 30 funcionários. Continuará a fazê-lo, estará na pele de primeira-dama quando o dever chamar. Apesar de lembrar frequentemente, e quando questionada sobre assumir esse papel, que “não há primeiras-damas no nosso país”. Rejeita o cargo, recusa o título e o papel tradicional associado, em várias afirmações que foi fazendo. Na noite da vitória, Seguro é questionado sobre isso e responde aos jornalistas. “Eu espero não a perder durante o mandato.” A plateia ri. “E respeitarei sempre as suas decisões. É uma empresária independente, uma mulher com vida própria.”

A economista e professora Susana Peralta passou a noite no lugar habitual de comentadora na RTP, noite mais longa nestas ocasiões, fez parte da comissão de honra de Seguro. Continuar a viver nas Caldas não é sinónimo de descentralização, em sua opinião. Descentralizar tem outro significado. É certo que apresentou a sua candidatura nas Caldas, fez sede das duas voltas presidenciais nas Caldas, levou políticos, figuras proeminentes, jornalistas dos media nacionais à cidade onde vive, cidade de Bordalo Pinheiro. Assumir que não é de Lisboa e que não faz parte de um grupo restrito da capital parece-lhe “bastante simbólico”. “Haverá muita gente a viver nas Caldas e a fazer idas e voltas a Lisboa, não há nenhuma razão para o presidente da República não o fazer.” Caldas da Rainha fica a 40 minutos de carro de Lisboa, a andar bem, a ligação à capital não é

complicada, de manhã, há autocarros expressos de 15 em 15 minutos. A cidade morada do presidente da República fica perto do mar, um quarto de hora da praia da Foz do Arelho, os preços da habitação de Lisboa empurraram famílias para ali, tornou-se um dormitório da capital. As quantias são outras, mais abaixo, um T2 anda pelos 250 mil euros, um T3 sobe para os 300 mil, uma moradia com três quartos e 1600 metros quadrados de terreno pode custar 435 mil euros, e há um prédio de quatro andares para investimento anunciado por apenas 540 mil euros.

José Palmeira é pragmático, a decisão de viver nas Caldas pode até nem ter significado político. “Tanto Belém como São Bento não são propriamente locais que tenham conforto para viver. Pode ser mais cómodo viver nas Caldas, que não é longe de Lisboa, com conforto pessoal”, refere o professor universitário. Vê antes uma dessacralização do poder. “O poder não é o poder dos políticos. Embora com o cargo de presidente, continuará a sua vida, a ir ao mesmo café, e isso dá-lhe um certo humanismo, humaniza o cargo de presidente e não o coloca nos píncaros.” Desce do pedestal, não dorme num palácio. “É uma pessoa que gosta da naturalidade, é uma pessoa como as outras que exerce um cargo que é o cargo de chefe de Estado.” Os sinais mostram que será, em seu entender, “um presidente social”.

Um chefe de Estado mais discreto e sem câmaras ou holofotes atrás. Susana Peralta espera um presidente “mais institucional e menos palavroso”. “António José Seguro é um socialista moderado e foi isso que lhe permitiu chegar a presidente”. Depois da primeira volta, vozes ilustres de outros partidos políticos anunciaram o voto em Seguro, o que lhe permitiu expandir o apoio à direita, à esquerda, ao centro. Susana Peralta destaca-lhe a capacidade de diálogo, a parcimónia no uso da palavra, e a sobriedade no uso dos poderes excecionais, como é o caso de uma dissolução do Parlamento. “É útil esse sinal que dá de que isso não será uma prioridade.” Não acredita que usará um eventual chumbo do Orçamento do Estado para fazer cair o Governo, quando há outras alternativas previstas, como a gestão em duodécimos. Até não faz sentido, em seu entender, perguntarem-lhe tantas vezes se dissolverá a Assembleia da República se não houver orçamento, quando a questão deveria ser colocada a Luís Montenegro, ou seja, que orçamento vai apresentar e se estará disponível a sentar-se com os principais partidos da oposição para negociar as linhas desse documento estratégico para o país.

João Carvalho, cientista político e investigador do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, lembra que Portugal é o país da Europa que mais centraliza a nível político, tudo nas mãos do Governo e dos municípios, as decisões concentradas nesses poderes. Tudo indica, comenta, que o próximo presidente da República estará próximo das populações, que terá sensibilidade para olhar além da Área Metropolitana de Lisboa. Há sinais, nota, “de tentar descentralizar os órgãos do poder”. Passará menos tempo em Lisboa, isso parece certo. Quanto à sua mulher, primeira-dama, continuar a exercer a sua atividade, vê nisso um ato simbólico. “É uma



Na noite eleitoral, na sala reservada à campanha, momentos antes de subir ao palco para o discurso da vitória, o casal António José Seguro e Margarida está feliz. Ela continuará a gerir as três farmácias que tem nas Caldas, ele orgulhoso dela, como empresária independente e mulher ativa



forma de valorizar o papel da família. Não tem de obrigar a família toda a ir para Lisboa.”

Para Susana Peralta, Luís Montenegro, neutro na segunda volta, “deve saber para que lado virar a cara” quando se sentar para negociar, não pode esquecer a eloquência política da votação em Seguro, 66,82% dos votos, eleito com maioria qualificada. Há outras posturas de Seguro que agradam a Susana Peralta, falar muito de igualdade de género, escolher para mandatária nacional uma mulher, uma mulher cientista.

Há um legado de Marcelo Rebelo de Sousa que é uma marca: o presidente dos afetos. João Carvalho toca nesse ponto. Uma rutura completa e absoluta com essa forma de estar poderá ser contraproducente, mantê-la no exagero também não será benéfico. “Seguro também conseguirá manter essa proximidade entre a Presidência e os cidadãos?”, questiona. Presidente dos consensos ou dos afetos, ou ambos? O país não tardará a perceber quando vestir a pele de chefe de Estado. João Carvalho pres-

“TANTO BELÉM COMO SÃO BENTO NÃO SÃO PROPRIAMENTE LOCAIS QUE TENHAM CONFORTO PARA VIVER. PODE SER MAIS CÓMODO VIVER NAS CALDAS, QUE NÃO É LONGE DE LISBOA, COM CONFORTO PESSOAL”

José Palmeira

Professor universitário

sente um perfil ponderado. “É uma pessoa moderada com capacidade de analisar matérias, de estudar e acompanhar os dossiês.” E um garante de estabilidade.

Maria Manuel é das Caldas da Rainha, está no auditório do CCC no dia da vitória, sorriso permanente colado ao rosto, abana a bandeira de Portugal, depois sai e espera que o novo presidente saia também. Está feliz? “Muito”, confessa, é “muito” prolongada na primeira sílaba que demonstra o contentamento pelo que acaba de acontecer. Na primeira volta, reconhece, teve algum receio do resultado, na segunda nunca teve dúvidas da vitória. Tem motivos para a cara alegre e sorridente e expectativas elevadas para o novo chefe de Estado. “É uma pessoa moderada, bem formada, que tem capacidade para que continuemos a viver a democracia que começa a falhar.” Conhece Seguro e Margarida. “São pessoas simples, humildes, simpáticos, conversam com a população, fazem a vida deles.”

REPÚBLICA COM MORADA NAS CALDAS

